

Pública

Nº 468 15.05.2005 ESTA REVISTA FAZ PARTE DO PÚBLICO 5529
E NÃO PODE SER VENDIDA SEPARADAMENTE

LAS VEGAS

Cem anos de pecado

ESQUADRÃO GAY

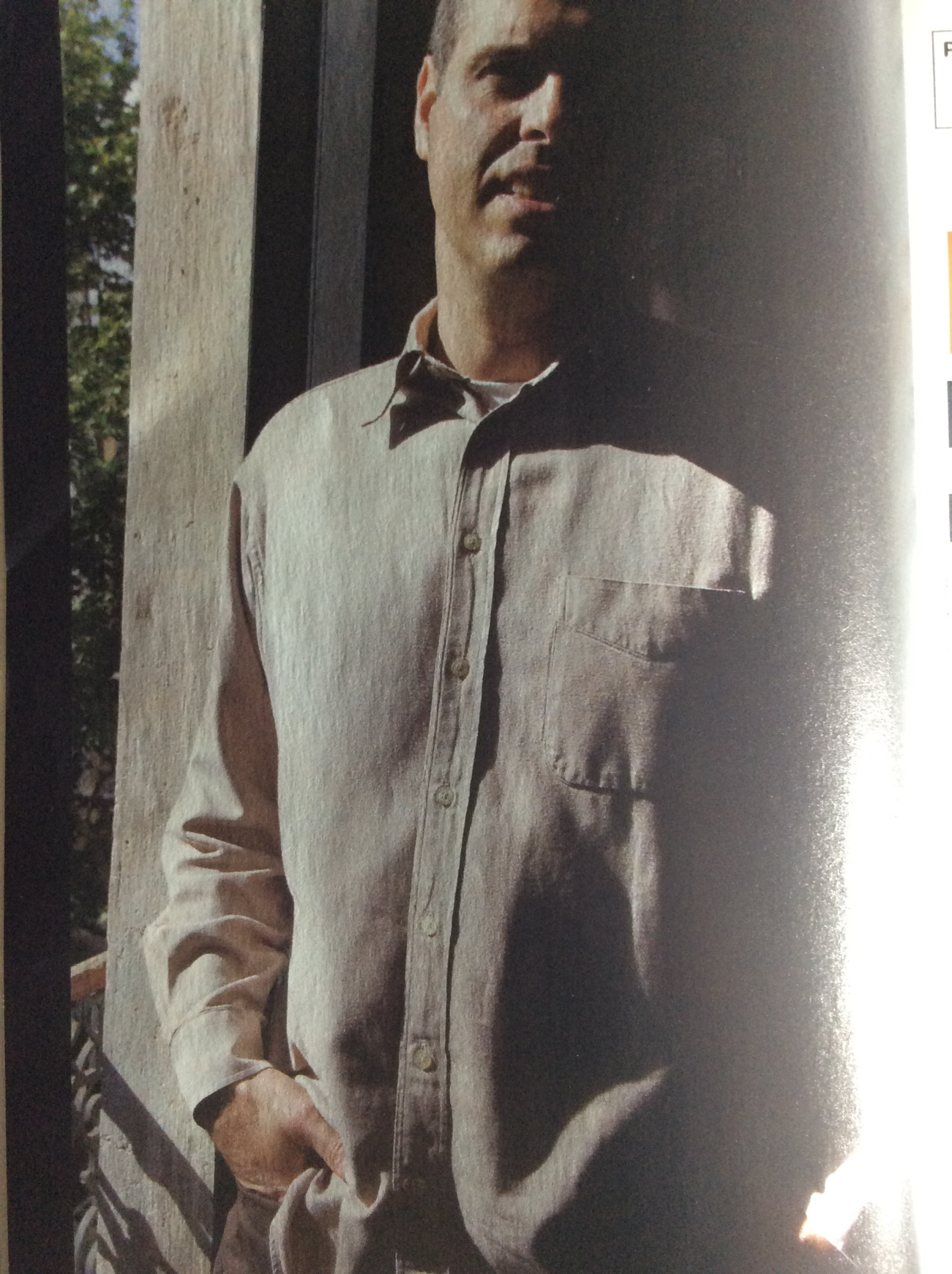
Brigada homossexual nos EUA

RAMI SAARI

Poeta israelita traduz Pessoa

Atraídos pelo mal

A Guerra das Estrelas acaba com o mais negro dos episódios. Os fãs explicam o fascínio. E o realizador diz que ali está o 11 de Setembro e o Iraque. Porque é que os bons se tornam maus?



Rami Saari

Pessoa em hebraico, numa pensão de Lisboa

É o inquilino de um quarto alugado em frente a uma leitaria. Poeta, linguista, tradutor, professor e crítico, o israelita Rami Saari está em Lisboa a traduzir Pessoa e outros poetas portugueses.

Na varanda de Rami Saari há um bidé, daqueles em forma de oito. Encheram-no de terra para que florisse, mas não o regaram o suficiente. É um bidé-canteiro afectado pela seca. Compensando, as flores de plástico no varandim estão viçosas. E, logo ao lado, a bandeira da pátria desde o Euro 2004, sem desbotar.

Rami gosta de cozido, de vinho tinto e ainda esta semana andou à procura de um disco de Camané, mas o futebol não lhe interessa “para nada”, como ele diz, no português de quem teve o espanhol como língua materna até ser forçado a falar hebraico.

De certa forma, acredita Rami, foi essa imposição que fez dele um linguista. Além de hebraico e espanhol, fala inglês, árabe, maltês, finlandês, estónio, húngaro, grego, albanês, e, por causa de Fernando Pessoa, cada vez melhor português.

Assim se acha em Lisboa desde o princípio de Março, a traduzir toda a poesia de Álvaro de Campos neste quarto alugado, com poliban ao canto, móveis de contraplacado e varanda a condizer, num segundo andar direito, fora do postal. Nem rio, nem colinas, nem o escarlate de uma verdadeira buganvília.

Aqui, os quartos alugam-se ao mês, ao dia e à hora. A televisão está presa à parede, na entrada. A retrete fica ao fundo do corredor, como nas pensões de um poema de Rami. E os amantes que pagam à hora cruzam-se com imigrantes pagos ao dia e outros solitários em trânsito, no elevador, nas escadas, ao balcão da leitaria em frente, tomando a bica.

Quando o telefone toca para ele, a senhora da casa vai bater-lhe à porta do quarto, e chama: “Senhor Ramiii...” É um bom nome para andar pelo mundo, fácil de dizer em todas as línguas, e foi também por isso que ele o escolheu, abandonando o nome que lhe tinham escolhido.

O senhor Rami é um inquilino muito alto, com um sorriso tão largo que quase nunca se fecha. Tem 1.98, o que o faz dobrar ligeiramente a cabeça para a pessoa com quem conversa. Em geral, as pessoas são mais baixas e ele gosta de conversar.

Em dois meses e meio de estadia, tem conversado bastante com a senhora da casa e os inquilinos mais permanentes. Tanto que já teve de recusar uma proposta de casamento, quando um brasileiro lhe propôs a irmã como noiva.

Nesta pensão que tomou como casa até fim de Junho, Rami Saari ouve mais do que fala, e não fala propriamente sobre Álvaro de Campos, a antologia de poesia portuguesa do século XX que está a preparar, ou “Os Bichos” de Miguel Torga e “A Confissão de Lúcio” de Mário de Sá-Carneiro, que também vai traduzir para hebraico. E está bem assim.

Acorda cedo para passar a manhã na Biblioteca Nacional a ler e a traduzir. Quando volta ao quarto, lê, escreve e traduz até à noite, com o computador aberto em cima de uma pequena mesa, coberta por renda barata, entre o chuveiro e a cama.

Aos 42 anos, será mais por natureza do que por acidente a modéstia de gastos com que este poeta, tradutor, professor e crítico literário israelita gere a bolsa da Fundação Gulbenkian de apoio →

→ à investigação de literatura portuguesa, que subsidia a sua temporada lisboeta.

Rami Saari não tem telemóvel nem Internet. Quando precisa, vai a um cibercafé. O quarto alugado frente a uma leitaria é certamente mais real do que o remodelado quarto da Casa Fernando Pessoa. E mais facilmente o encontram num supermercado do Martim Moniz do que no restaurante Bica do Sapato, onde, aliás, nunca entrou.

Como poeta, tem cinco obras publicadas em Israel ("Olha, Encontrei a Minha Casa", "Homens na Encruzilhada", "O Caminho da Dor Temerária", "O Livro Vivo" e "Quanta, Quanta Guerra") — ainda em 2005 sairá um novo livro, "O Quinto Shogun".

Como tradutor, passou para hebraico mais de vinte livros de poesia e prosa a partir de várias línguas. A sua primeira tradução de Pessoa (poesia de Alberto Caeiro, em colaboração com o português Francisco da Costa Reis e o israelita Yoram Brunowski) foi lançada em 2003.

Actualmente editor da secção israelita no magnífico site www.poetryinternational.org, Rami já ensinou linguística nas universidades de Helsínquia, Budapeste e Jerusalém.

Há um mês, deu um salto a Nova Iorque, onde nunca tinha estado, para uma entrevista numa universidade. Não perdeu mais de dois dias. "Quando voltei a Lisboa, tive a sensação de voltar a casa."

É uma árvore de diferentes lugares e idiomas até chegar a ele, nascido em Petah Tikva, perto de Telavive, Israel.

De um lado, um avô romeno que conseguiu fugir de um comboio a caminho de um campo de concentração e caminhou a pé, da Checoslováquia até à cidade de Iasi. Aí nasceu o pai de Rami, judeu romeno.

Do outro lado, avós que fugiram da Polónia e da Rússia, à procura de trabalho, por razões políticas, e acabaram em Buenos Aires. Aí nasceu a mãe de Rami, judia argentina.

O pai partiu aos 16 anos para Israel, "refugiado da guerra e do frio", como no poema "Dinastia"

Dinastia

O meu avô abandonou a Polónia em 1937,

refugiado dos cavaleiros do mal.

O meu pai abandonou a Roménia em 1946,

refugiado da guerra e do frio.

A minha mãe abandonou a Argentina em 1961,

refugiada do grande amor.

E no ano de 1982 fui obrigado a abandonar

Petah Tikva

para viver Finlândia, Grécia e Hungria:

calar-me entre as neves, tremer com

os terremotos,

deixar-me levar pelo Danúbio até às portas

do inferno.

Algo precedeu tudo isto, mas agora

é tarde demais para reconstituir o sucedido.

Apesar de conhecer as razões

de compreender os motivos

a frenética viagem continuará.

Eis a sentença:

ser um fugitivo do confronto

com os resultados da recusa,

saber que algum dia não-de mudar

exércitos e governos

e que a palavra ficará para sempre –

ficará no desejo de beleza,

diluir-se-á na memória do caminho.

E não terei um filho, um filho não

nascera a Cairn.

A semente de Sem vagueará

sem nome pelo mundo,

seu corpo a sua casa.

Rami Saari, 1991

Tradução de Francisco da Costa Reis

(ver tradução). "Foi com um colega da escola, de comboio e depois de barco, até Haifa." Daí, seguiu para um "kibbutz" no sul.

A mãe partiu aos 22 anos para Israel, "refugiada do grande amor". Era soprano da Ópera de Buenos Aires, conta Rami. Largou tudo por causa de uma paixão impossível. Já tinha familiares em Israel, e também ela começou por viver num "kibbutz".

Depois do casamento, os pais instalaram-se em Petah Tikva, que quer dizer "porta da esperança". Mas quando Rami, primogénito de quatro filhos, era um bebé de meses, a mãe levou-o para a Argentina. Até aos quatro anos, andou entre Israel e Buenos Aires. Foi assim que o espanhol se impôs como primeira língua materna.

"Quando voltei definitivamente a Israel, não queria falar hebraico com ninguém." A situação na escola tornou-se tão complicada que pediram à mãe para deixar de falar com ele em espanhol. "Foi uma coisa violenta, um tipo de castração. E estou convencido que ter escolhido ser linguista vem daí. Tal como estar agora em Portugal, a aprender uma língua nova. Toda esta sede de novos idiomas é um tipo de recompensa para algo que jamais poderei recuperar. Porque o espanhol jamais se voltará a converter na minha língua materna." Apesar de o ter recuperado com grande fluência — e é em espanhol que hoje fala com a mãe.

Já no liceu, Rami descobriu uma tradução do poema nacional finlandês. Ficou tão fascinado com essa epopeia que começou a estudar finlandês sozinho, e chegou a ir trabalhar para um "kibbutz" onde havia finlandeses, para "praticar a língua".

Foi a partir daqui que, aos 19 anos, começou a sua deriva pelo mundo. Decidiu ir viver para a Finlândia. Durante um ano, trabalhou num hospital como ajudante de enfermeiro, juntando dinheiro. Depois, continuou mais nove anos em Helsínquia a fazer licenciatura e mestrado em linguística (línguas semíticas e urálicas).

Publicou entretanto os seus dois primeiros livros de poemas, em 1988 e 1991. Pelo meio, passou uma temporada de seis meses em Budapeste, a ensinar, que coincidiu com a queda do comunismo e a morte de Ceausescu na Roménia. Regressou então à terra natal do pai, para levar comida a uma família da Transilvânia.

Em 1992 abandonou definitivamente a Finlândia, de volta a Israel, com alguma fé nos Acordos de Paz de Oslo, que puseram fim à Primeira Intifada palestina. "Era uma etapa em que estava cheio de esperança que o meu país caminhasse no sentido justo, o da paz, o de ser um país →

→ normal, com boas relações com o mundo inteiro.”

Sabia bem onde queria viver. “Fui para Jerusalém, que para mim é a cidade. Desde a infância, quando a visitava, sentia que era ali que pertencia. É o meu lugar no mundo. Não sei onde vou viver agora, não sei se voltarei a viver lá, mas serei sempre de lá.”

Manteve-se em Jerusalém dez anos, grande parte dos quais passados num bairro que é uma escolha de vida, colado à Cidade Velha, na fronteira entre Oriente e Ocidente: Musrara. “É o bairro, o limite entre a cidade árabe e a cidade judia. Onde vivem judeus mas se ouve o ‘muezzin’ a chamar para a oração e tocam os sinos das igrejas. Onde se cruzam uma judia que veio de Marrocos há 40 anos e cozinha a melhor sopa do mundo com uma monja católica que veio de Itália e depois um árabe a vender folhas de hortelã...”

Sorriso ainda mais largo que de costume, Rami podia seguir por aqui, infinitamente. “Musrara é onde és o mundo e o mundo és tu, um lugar onde a contradição é a verdade, ou seja, onde deixa de ser contradição.” Aquilo que, “num mundo utópico”, podia ser Jerusalém inteira.

“Mais do que em qualquer outro lugar, em Musrara tenho a sensação de não pertencer a uma só coisa. Porque eu não tenho de ser uma só coisa. E algo que detesto em Israel é esta necessidade de escolher ser uma coisa, como afirmação de personalidade. Não creio que tenha que ser só judeu, só israelita, só homem... posso ser mulher, uma cabo-verdiana que come cachupa, o árabe com quem bebo chá. Nunca sou sempre o que sou.”

Vem-lhe então à cabeça um poema de uma israelita, Miriam Eitan: “Chama-me como quiseres, virei quando me chamares.”

Acredita que os portugueses entendem isto, que tão pessoano também é. Além do cozido, do vinho e do fado, Rami está sobretudo à vontade. “Os portugueses são gente sem soberba, que não me obriga a nada. O sorriso é autêntico, vê-se nos olhos. E o trato é muito humano, terra-a-terra.”

Nos primeiros anos em Jerusalém, ensinou hebraico na universidade, enquanto preparava o doutoramento e traduzia livros “para a gaveta”. Só em 1996 publicou a sua primeira tradução, “Os Verbos Auxiliares do Coração”, do romancista húngaro Péter Esterházy. Nesse mesmo ano ganhou pela primeira vez o prestigiado Prémio Primeiro-Ministro de literatura, pela sua poe-

Detesto em Israel esta necessidade de escolher ser uma coisa, como afirmação de personalidade. Não creio que tenha que ser só judeu, só homem... posso ser cabo-verdiana, o árabe com quem bebo chá

sia, com publicação regular em jornais como o “Ha’aretz”, além dos livros.

Em 2002, derivou mais uma vez. Foi viver para Atenas, “por amor”. É a morada que continua a ter no seu cartão de visita, ao lado de uma caixa postal de Jerusalém. A partida para a Grécia coincidiu com o início de um vasto trabalho de antologia, tradução para inglês (em colaboração com Lisa Katz) e crítica de poetas israelitas no “site” poetryinternational.

E Pessoa? “Descobri-o em 1993.” Numa antologia que Francisco da Costa Reis e Yoram Brunowski tinham publicado em Israel. Um amigo comum, Uri Attar, pôs Rami em contacto com Costa Reis e assim vieram a trabalhar juntos Alvaro de Campos. E agora, todo o Álvaro de Campos.

Além desta empresa, por si só exigente, a solo Rami tem um contrato com uma editora israelita para a edição dos livros de Torga e Sá-Carneiro.

E por sua espontânea iniciativa, já que ca esta, concebeu a antologia “Dá o Coração ao Mundo”, com poetas portugueses do século XX. Para este “work in progress”, já traduziu José Gomes Ferreira, Manuel Alegre, Vitorino Nemésio, Adolfo Casais Monteiro, Luís Miguel Nava e Ana Paula Inácio. A seguir, vai entrar em Herberto Helder e Fiama Hasse Pais Brandão.

É de paixões, e rápido. Da última poeta que descobriu, Ana Paula Inácio (que até agora tem apenas dois livros editados), traduziu 11 poemas de seguida.

Faltará alguém tomar os dele, para português. Francisco da Costa Reis traduziu “Dinastia” e alguns mais, mas as versões não estão publicadas.

Na Net, encontram-se disponíveis em inglês poemas como aquele escrito em 2002, quando o Exército israelita invadiu os territórios ocupados, destruindo, entre muitas outras coisas, parte dos ancestrais banhos turcos da Cidade Velha de Nablus. Existirá ainda, pergunta o poema, esse lugar “onde há dois anos te encontrei”? Não muitos israelitas terão vagueado pelo mais íntimo e labiríntico coração da palestina Nablus. Menos ainda terão entrado nos banhos turcos, ao encontro de um amigo, de um amor. E certamente nenhum, senão ele, o contou num poema.

De uma remota aldeia da Albânia a um cigano num barco entre a Finlândia e a Suécia, da antiga professora de húngaro às rochas graníticas de Helsínquia, dos rostos gregos a Jerusalém, são poemas de uma errância permanente, a dos amigos, a dos amores, a dos lugares, a interior, que segue no sangue.

Diz um:

“Quando todos me deixaram, o hebraico ficou comigo.”

Diz outro:

“Tenho uma religião feita em casa / solidão debaixo do céu, bom sol nos olhos / e um grande vento na cara”.

E um terceiro eterniza a deriva:

“No reino dos céus aprenderei botabari, / a maravilhosa língua das ilhas Curya Murya”.

Talvez a pensão onde Pessoa cresce em hebraico ainda entre num poema. Com bidé, flores de plástico e a pátria na varanda. ■